

**COSTA LIMA, Marcos . Região & Desenvolvimento no
Capitalismo contemporâneo. Uma interpretação crítica. 1. ed.
São Paulo: Cultura Acadêmica/UNESP, 2011. v. 1. 331 p.**

Rosa Freire d'Aguiar Fur-
tado¹

Num dos emails que trocamos a respeito deste livro, Marcos Costa Lima conseguiu o que nem sempre é fácil para o autor de obra tão abrangente como esta: resumi-la em poucas linhas. Disse Marcos que o objetivo que o guiou foi fazer uma reflexão teórica e empírica sobre o binômio desenvolvimento & região, partindo das principais correntes de pensamento que desbastaram o terreno e as atualizando "criticamente desde o fracasso da hegemonia neoliberal". Tudo está (bem) dito, e aqui poderia se encerrar este prefácio. Mas como a obra instiga, abre pistas, prende a atenção não só do estudioso em ciências sociais e políticas, mas do leitor corrente minimamente interessado no

mundo em que nos movemos, vale a pena alargar e aprofundar o seu campo focal.

Região & desenvolvimento, termos ligados por um sinal gráfico mais costumeiramente usado em razões sociais, é o mesmo binômio que, antes de dar título ao livro, define o terreno acadêmico em que o cientista político Marcos Costa Lima trabalha. Na Universidade Federal de Pernambuco, desde 1999, ele dirige o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento/D&R. Portanto, fala com a competência e a experiência de quem há muitos anos se dedica e estimula seus alunos a estudar a problemática do desenvolvimento regional, seja no Brasil, seja, além das nossas fronteiras, na América Latina, na Ásia ou mesmo

¹ Presidente do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

na União Europeia dos 27 países com seu imenso mosaico de regiões.

Os doze capítulos, divididos em quatro partes, cobrem uma fatia da história que vai, grosso modo, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje, ou seja, as três décadas dos anos chamados Trinta Gloriosos (1950 até a primeira crise do petróleo) e as três seguintes (1980 até a crise financeira de 2008), anos que estão sendo apelidados, por oposição, de Trinta Odiosos.

Marcos Costa Lima começa com um enquadramento amplo sobre as transformações do capitalismo nesses seis decênios. Não se trata de mais um entre tantos estudos sobre o tema, mas de um texto que tem a originalidade de se concentrar em como essas mudanças repercutiram nas economias periféricas. Assim, o capítulo sobre a transnacionalização nos mostra as atuais estratégias para os países do Sul das multinacionais

de alta tecnologia (basicamente telefonia e semicondutores), e também daquelas que lidam com as indústrias criativas e a cultura de massa. Para ganhar a corrida da competição, todas aperfeiçoaram um esquema de produção rápido o suficiente para responder à sede novidadeira do mercado consumidor, mas nem todas souberam dimensionar a demanda, o que resultou em falências para as que a sobrestimaram.

Fechando um pouco o diafragma, o autor se aproxima de um dos objetos deste livro: as teorias regionais e do desenvolvimento – arcabouço do binômio R&D. Marcos faz uma releitura da teoria do subdesenvolvimento de Celso Furtado, debruçando-se sobre sua originalidade no que respeita a introdução de conceitos como dependência tecnológica e qualidade do desenvolvimento, visando a que “o esforço de inovação e de produção tecnológica irá beneficiar o maior número possível

de pessoas, e não gerar ou reforçar uma estrutura de privilégios”, escreve Marcos, salientando um fio condutor que perpassa toda a obra teórica de Celso. Prossegue o exercício voltando-se para a questão regional. Examina as teorias da fase áurea da Cepal, nos anos 1950, e daí parte para seu necessário aggiornamento, desdobrando o tema no desenvolvimento da periferia e na reflexão sobre os próprios conceitos de território e escala regional, que estão sendo rediscutidos mundialmente – não só nos late commers, como em velhos países como o Reino Unido, diante do estatuto da devolution para a Escócia e o País de Gales.

Outro escopo deste livro é estudar o papel do Estado nacional e o da inovação. Quanto ao Estado, os três modelos alternativos que lhe servem de moldura e se seguiram aos anos 1980 são, escreve Marcos, o Consenso de Washington (ou opção neoliberal), o ajuste fiscal (ou opção

social-democrata), e o neoestruturalismo cepalino. O que fica claro, em todo caso, é que as políticas adotadas na América Latina nas últimas décadas deixaram uma herança deletéria que não só desmantelou as ferramentas do Estado como agravou o quadro da pobreza e da desigualdade. O autor observa que em meados dos anos 1990 havia cerca de 210 milhões de pobres no continente, isto é, cinquenta milhões a mais que a média do decênio anterior. Também fica manifesto que a persistência desse quadro aprofundou as desigualdades Norte-Sul, "acentuadas em decorrência do processo tecnológico não convergente; portanto, não se trata de fenômeno passageiro mas estrutural". Quanto à inovação, os dados que analisa demonstram que este permanece o nosso calcanhar de aquiles, sendo causa de nosso atraso tecnológico. Mais grave: dentro do próprio país esse quesito aprofunda disparidades já flagrantes, tanto nas pesquisas como

nas patentes e atividades inovadoras: dois terços delas concentram-se em apenas quatro estados da federação.

A última parte do livro é dedicada às fronteiras. Sejam fronteiras densas como a da Amazônia, região ainda considerada marginal no país, embora tenha, lembra Marcos, registrado nos últimos três decênios a maior taxa de crescimento urbano do Brasil, sejam fronteiras porosas, como a do México com os Estados Unidos e sua longa lista de problemas econômicos e sociais. Região & desenvolvimento se conclui com estimulantes paralelos entre o Brasil, a China, o México e a Índia, sendo este um país que Marcos conhece de perto por sua estreita colaboração com pesquisadores do estado do Kerala. Aqui, ele também traz um aporte teórico que dá embasamento às análises mais pontuais e baliza novas estratégias de desenvolvimento e integração. Diz, por exemplo, que integrar a Venezuela

como membro pleno do Mercosul significa, "pela primeira vez", promover uma abertura para o Norte, "criando uma poligonal que articula de norte a sul o espaço regional e retirando do Mercosul sua característica marcadamente sulista, o que permitirá em alguns anos a participação mais efetiva dos estados do Nordeste no processo de integração".

Região & desenvolvimento é, assim, um diálogo entre o esforço teórico e o exercício prático de pensar o mundo. Capítulos transversais fazem o laço, ora entre dois países, ora entre o nacional e o global, ora entre política e economia, sociedades e governos, desenvolvimento e depredação do planeta. Diante desse leque de temas, o espaço de um prefácio é necessariamente redutor, mas vale mencionar alguns insights do autor por vislumbrarem caminhos novos ou frear contra a corrente. Inversamente a muitos de seus colegas, que alegam ter o México se autoexcluído da Améri-

ca Latina desde a adesão ao Nafta, Marcos avança a proposta de que seria muito mais inteligente "fortalecer as redes de associação internacional do México com a América latina, dada a maior simetria entre este país e a região do que com os Estados

Unidos, com escalas muito assimétricas às mexicanas". Outro ponto a destacar é o estudo que faz da dimensão cultural do desenvolvimento, pondo em relevo certos textos de Celso Furtado que poucos cientistas sociais conhecem. A pergunta é: desenvolvimento para quê? A resposta passa necessariamente pela assertiva de que verdadeiro desenvolvimento não é mera decorrência do processo de acumulação, mas criação de valores e prática de criatividade que enriqueçam a vida dos homens. Por fim, no esforço de redefinição conceitual de região e de desenvolvimento, vai buscar em Amartya Sen sua proposta de alargar o conceito de pobreza, não mais mera privação de bens materiais, mas priva-

ção de liberdades básicas, fronteiriças com a cidadania, como a alfabetização e a participação política. Em outras palavras, fazer com que a economia esteja mais a serviço do homem e do planeta do que hoje está.

O leitor tem em mãos um livro por essência interdisciplinar, com vocação a se tornar texto precioso para estudantes e interessados em disciplinas diversas como as relações internacionais, a ciência política, a economia, os estudos de cultura. O que o caracteriza é a reflexão metodológica. Mas em vários momentos se sente nas entrelinhas algo que permeia o rigor equidistante de um livro acadêmico: é quando o autor deixa escapar uma sombra da indignação, um sentimento do compromisso que o caracterizam. Não se engane o leitor: não há aqui nada de panfletário, mas sim a obra madura de um cientista social que confere à sua prática de pesquisador uma visão histórica e filosófica.

